

# Pim Pam Pum!

DIRECTOR SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL DE SANTA  
 AUGUSTO **O SECULO** RITA



(Continuado do número anterior)

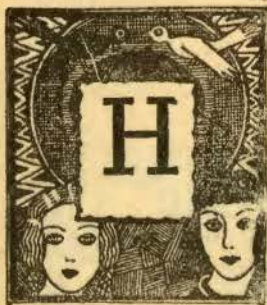
Pim, Pam e Pum continuavam a correr o mais que podiam mas, em virtude de irem constantemente a olhar para trás, não repararam num lago que ali havia e de repente: — chap!... — mergulharam novamente os três. Os polícias, que os perseguiam, conseguiram tirá-los cá para fora e exclamaram, em côro, muito espantados:—

«Olhem, quem eles eram! Os heróis do «Pim-Pam-Pum»! Vivam, vivam, vivam!»  
 Como é natural, juntou-se muito povinho rodeando os polícias e os três pequenos que, lavados do lodo, facilmente se reconheciam agora. Aplaudidos pela multidão, os nossos heróis, entre vivas entusiásticas, foram levados para casa, em triunfo!  
**ARCINDO MADEIRA**

# HISTORIA DA PRINCESA GIZELA

POR TEREZA MARIA CAEIRO ROGADO

I



AVIA outrora, um reino muito bonito onde governava um rei que tinha uma filha, princesa linda como os amores, que se chamava Gizela.

Preparava-se grande festa no reino, pois a princesa estava para casar com o príncipe Wladimiro, filho de um rei vizinho. Como gostava muito de flores, foi um dia com as aias, ao campo, para ela própria escolher as flores que haviam de enfeitar a igreja, onde se reali-

zaria o casamento.

Para colher das mais bonitas, afastou-se tanto das aias, que, em breve, se viu perdida. Estava a pensar como as tornaria a encontrar, quando, de repente, lhe apareceu uma fada que lhe perguntou o que estava ali a fazer, só, naquele campo.

— Andava a colher flores, e perdi-me. Já não vejo as minhas aias, não sei onde estou, nem para que lado fica o meu palácio; — disse a princesa muito triste.

A fada, então, como sabia que a princesa sempre tinha



sido muito boa, ensinou-lhe o caminho, e deu-lhe uma varinha de condão, dizendo-lhe:

— Toma esta varinha de condão, mas, para que sejas sempre feliz e eu te possa proteger, é preciso que faças todo o bem que poderes, até à véspera do teu casamento, dia em que m'a entregará à meia noite, neste mesmo sítio. Se

houver alguma coisa que te pareça impossível, e tu queiras fazer, levanta a varinha de condão e lembra-te da fada Isolda; — e, dizendo isto, desapareceu.

A princesa muito contente por poder fazer todo o bem



que desejava, dirigiu-se logo a correr para o palácio, chegando lá quando já a iam procurar.

II

No dia seguinte, logo que se levantou, chegou à janela, e viu uma pobre mulherzinha chorando muito.

— Porque choras mulherzinha? — perguntou a princesa.

— Ora, minha linda princezinha, choro, porque a única filha que tenho, está muito doente, e ninguém sabe o que ela tem.

A princesa, assim que isto ouviu, não quis saber de mais nada; foi a casa da velhinha, e, fazendo o que a fada lhe indicou, conseguiu curar a rapariga.

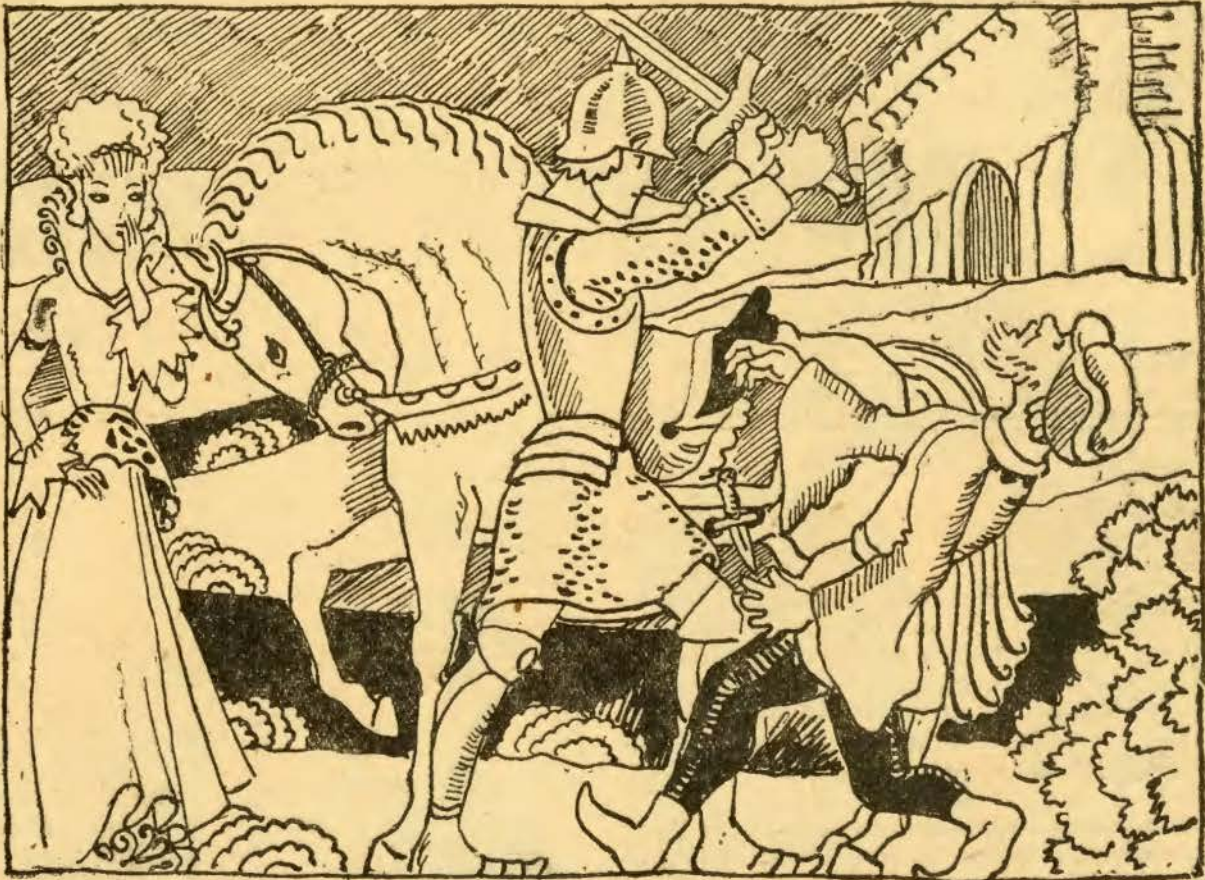
Assim passaram os dias, até à véspera do casamento, sempre a fazer o bem que podia, com o maior prazer.

Naquele dia, que era o combinado com a Fada para lhe entregar a varinha de condão, à meia noite, quando estavam todos reunidos no salão, a princesa sem que dessem por isso, saiu, para ir ter com ela. Depois de andar muito, e já estar muito cansada, encontrou um velho que lhe disse:

— Que fazes aqui, linda menina, só, no deserto, com uma noite tão escura?

— Saberás por acaso dizer-me, bom homem, onde costuma estar a Fada Isolda? Vinha procurá-la, mas, como a noite está tão escura, parece-me que já estou perdida.

— Não te aflijas — disse o velho; — eu te ensinarei onde ela está.



Vem comigo.

A princesa julgando que era verdade o que o homem lhe dizia, ficou tão contente que nem reparava no clarão de maldade que, por momentos, lhe brilhou no olhar.

Divisava-se já, muito ao longe, um castelo, que ele lhe disse ser o palácio da Fada Isolda. A princesa extranhou muito que o palácio da Fada fosse tão escuro e feio, mas como tinha esperança de a encontrar, seguiu sem medo.

Quando lá chegaram, o velho que outro não era senão o feiticeiro Leandro, empurrou a princesa para dentro e, fechando a porta, disse-lhe:

— Agora só te deixo sair daqui, se prometeres casar comigo, e pedires a teu pai que eu seja o rei.

A princesa, como era muito corajosa, não teve medo e respondeu:

— Não caso contigo, nem serás rei; mata-me ou prende-me, que alguém me virá vingar ou libertar.

— Sim, minha linda menina?! — Disse o velho, dando uma gargalhada — pois então que alguém te venha libertar, se é capaz. E, dizendo isto, levou-a para uns subterrâneos muito escuros e onde havia muito bicho.

A princesa essa noite, com tantas saudades do seu palácio e do noivo, nem pôde dormir e esteve sempre a chorar, pedindo muito à Fada Isolda que fizesse com que a fossem ali buscar.

III

Entretanto, no palácio, assim que deram pela falta da princesa, procuraram-na por toda a parte, cheios de aflição, mas não a encontraram. No outro dia, o príncipe, triste por não encontrarem a sua noiva, ficou na cama muito doente.

Já havia mais de um mês que estava doente, quando uma noite acordou e ouviu uma voz que lhe dizia:

— Se queres recuperar a tua noiva, escuta o que te digo:

— Quem és tu, que me falas assim? — perguntou o príncipe, — se sabes onde ela está, diz-me depressa.

— Sou a Fada Isolda. Ouvi as súplicas da princesa, e, como prometi que a protegeria, venho ensinar-te a maneira de a libertares. Se fôres corajoso triunfarás.

Vai amanhã, ao meio dia, ao deserto, procura o castelo do feiticeiro Leandro, esconde-te ali perto, espera que dêem as treze horas, que é a hora do feiticeiro sair. Tu então, abres a porta que só fica encostada, e segues até ao fim do corredor, do lado direito, onde está um quarto, que tem ao meio a entrada para os subterrâneos onde está a princesa. Agora sê feliz.

No outro dia, assim que bateram as doze horas, o príncipe mandou preparar o cavalo, dizendo que já estava bom, e queria ir passear.

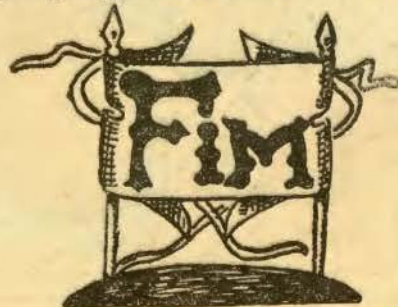
Quando o cavalo estava pronto, montou e seguiu a galope para o deserto.

Chegando lá, escondeu-se, e esperou que o feiticeiro saísse. Assim que ele saiu, entrou no castelo, e foi buscar a princesa, que, quando viu que a iam salvar, desmaiou de alegria.

Vieram para fóra, e quando o feiticeiro ia a entrar, o príncipe deu-lhe tamanha cutilada na cabeça que logo o matou.

Quando saíram, apareceu-lhes a Fada, a quem a princesa entregou a varinha do condão, fadando-os ela, para que fossem sempre muito felizes.

Então, muito contentes, por já estar liberta a princesa, e também por livrarem o reino de tão terrível feiticeiro, foram para o palácio, onde casaram no outro dia, sendo sempre protegidos, pela Fada Isolda.





# O PALHACITO

Por TOUTINEGRA  
Desenhos de Castañé



O sabado à noite, no largo da aldeia, tinha havido espectáculo de saltimbancos. No domingo, de manhã, uns garotos, sentados nos degraus da porta da igreja, recordavam entre gargalhadas as palhacices de um garotito dos seus

dez anos com a cara pintada de encarnado e branco, tracejada a preto, um feio fato muito largo e um exquisito carapuço.

— O' Vasco e quando êle se meteu dentro daquele arco! Julguei que êle não podia sair!

— Isso é que seria engraçado, tinha que se partir o arco!



Mas êle tinha força, (dizia o Júlio), podia com aquela garotita tão crescida.

— É a cara dele, (comentava o Victor), toda suja; que pôrco!

Artur, ia retorquir, mas surgiu, acompanhado pela irmã, o palhacito alvo das atenções dos garotos. Estes calavam-se e preparavam-se para jogar o eixo. O palhacito, envergonhado, conservara-se a distância. Contudo o jogo atraía-o e, instintivamente, aproximou-se, saltando também por cima dos garotitos.

Eles levantaram-se, indignados.

— Pobretão! (disse Artur, o mais velho do rancho; quem te autorizou a brincar connôscos?!

— Eu não lhes fiz mal, menino; (disse o palhacito). — Mas não queremos! (exclamaram todos, em gritaria).

— Não querias mais nada, (bradava Alberto), vai fazer palhacices para nós nos rirmos, anda, ...

— Não, menino; hoje não trabalho. O meu pai deu-me licença para vir brincar e deu-me dois tostões para eu comprar o que quizesse.

— Ah, ah, ah, dois tostões!! Para que serve isso?! E continuavam todos a rir.

— A minha mãe deu-me dez tostões (dizia Rogério, ao mesmo tempo que todos puxavam do bolso o seu dinheiro, mais do que o do infeliz palhacito que, com os olhos inundados de lágrimas, lhes volveu):

— Mas... eu sou pobrezinho, meninos!

Os garotos quando viram o palhaço chorar, calaram-se e continuaram a jogar, enquanto ele se afastava, indo sentar-se a distância com a irmãzinha chegada a si. Passado algum tempo, os meninos, abandonando os folguedos, dirigiram-se à próxima loja para comprarem, com o dinheiro que lhes haviam dado, diversas gulodices. O palhacito, acompanhado pela irmã, seguiu-os.

Tinham andado pouco, quando lhes surgiu pela frente um pobre cego, guiado por uma menina dos seus oito anos, linda mas miseravelmente vestida que, estendendo a magra mão, implorou uma esmolinha. Os seis garotos passaram indiferentemente. Só o palhacito, pegando num dos tostões, o deu à pobrezinha que lho agradeceu, sorrindo. Os outros riram-se dele.

Chegados á loja, todos compraram as suas coisas e ficaram a ver o que compraria o palhacito. Este comprou um tostão de rebuçados e, ante o pasmo dos garotos, deu todos à irmã! Não ficou com um, sequer, para si!

Os garotos compreenderam, então, o que ti-



nham sido de injustos para aquele que era tão pequenino de condição mas tão grande de alma! Rogério, talvez o mais sensível, num impulso de bondade, deu, então, ao palhacito metade do que havia comprado para si e todos os outros, seguindo-lhe o exemplo, repartiram também os seus doces.

O palhaço, contentíssimo e, provando mais uma vez a nobresa dos seus sentimentos, esqueceu a ofensa recebida e foi toda tarde brincar com os garotos.

■ FIM ■

## CORRESPONDENCIA

*Mimi Grandela* — Recebemos os versinhos que na primeira oportunidade serão publicados. «A paixão duma cigana» é que não é de feição infantil...

*M. Siloa* — Os versos serão publicados a seu tempo e ilustrados pelo nosso desenhador.

*Margarida do Monte* — Acabamos de receber a «Fada do Bosque» que, depois de lida pelo nosso director, será publicada.

*Olga Natércia Mendes Salgueiro* — Recebemos as adivinhas que serão publicadas brevemente. Podes mandar mais.

*José Pedro Matos* — Recebi os desenhos. Se tivessem sido desenhados com tinta preta seriam publicados, assim não se podem reproduzir. Manda outros.

TIO-PAULO



## O CUCO

Por MARIA BRANCO  
Desenhos de CASTANÉ

«Se entre Março e Abril o cuco não vier é porque morreu ou não quer vir».

(Provérbio Popular).



ONHECEM o cuco? Na quinta onde habito, já há três semanas o ouço cantar para o lado do sobral. Ontem vi dois, voando sobre o campo de aveia. Eram lindos, cinzento-azulados.

Nunca percebi porquê, sendo o cuco um madrião, pois não edifica o ninho nem choca os ovos, que outras aves na sua boa-fé perfilham, — (não sonhando na astuciosa troca do maroto) — minha mãe criou com ele a seguinte lenda:

As meninas que enviassem ao cuco, cadernos de irrepreensíveis cópias e desenhos ou qualquer bordadinho, renda, ou trabalhinhos manuais, «ele»



oferecer-lhes-ia o que as petizas pedissem, na carta que acompanharia o dito presente.

Assim, mal Março toucava de flôres a nossa cêrca, minha irmã e eu ficávamos de orelha fita a escutar a escutar...



Realmente para o lado do pomar, todas as primavera o cuco por ali andava, cantando o seu prolongado e melancólico, «cucuco, cucuco, cucuco»...

Quantas horas de esperanças e de loucas alegrias não representava aquela bela laranjeira donde colhíamos os ambicionados embrulhos.

Porém... certa manhã, radiosa de sol, teria então sete anos...

Na véspera terminara um «napperon» orlado por grupos de morangos vermelhos, mosqueados a nózinhos de retroz preto, que fôra bordado, antegosando a posse, do maravilhoso livro que vira, dias antes, na livraria Silva.

Confiava, em absoluto, na generosidade do cuco. Havia três anos que, pontualmente, os nossos desejos, eram completamente atendidos.

Alvorçada, acordara cedo.

Despertei minha irmãzita. Agitadas, falávamos, rindo.

Súbito, ao longe, o cantar do cuco!...

Em camizinhos de dormir, corremos, vertiginosamente, casa fóra, varanda alem, embrenhando-nos no jardim, caminho do pomar.

Mas aí!...

Empoleirados na laranjeira dos meus amôres, meu irmão mais velho e o criado José de Oliveira, recebiam das carinhosas mãos da minha mãe, algumas fitas de seda, vivamente coloridas.

Atrapalhadíssimo, o criado gritou:—«as meninas, as meninas!...» Minha mãe voltou-se e fitou-nos com os seus lindos olhos negros sinceros e nostálgicos.

Sem uma desculpa, sem uma mentira, levou-nos para casa.

Sobre o cuço não se trocou palavra, . . . A fantasia morrera. . .

A's nossas almazinhas infantis, curiosas e vivas, a revelação fôra evidente, flagrante.

Meu irmão rira-se muito, mas nós ficámos tristes e julgo bem que chorámos mesmo um pouquinho. . .

## Galeria de Honra

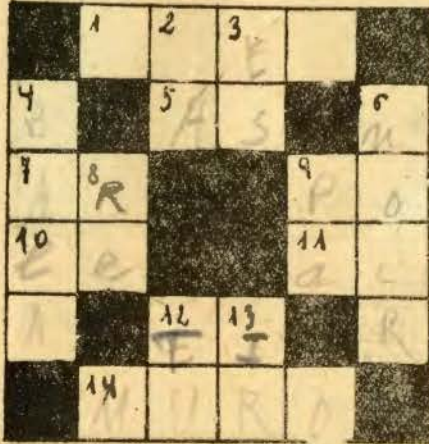
OS NOSSOS COLABORADORES



MARIA ALDA A. NEVES

Autora de vários contos, ultimamente publicados no nosso suplemento sôb os nomes de Maria Alda

Convidamos todos os nossos colaboradores a enviarem-nos os seus retratos para, à medida que forem colaborando no nosso suplemento, os irmos publicando nesta secção, mas sem tal compromisso, pois só figurarão aqueles que mais progressos acusem ou mais se distinguirem.



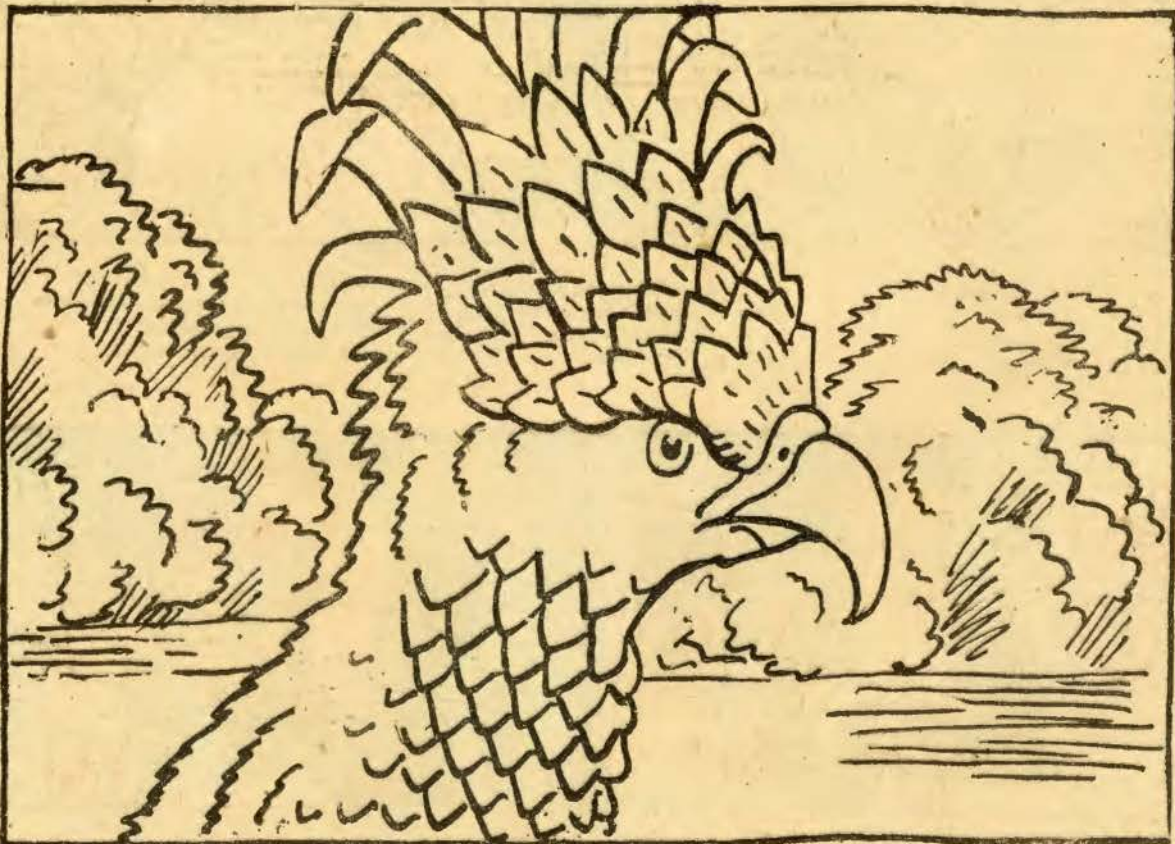
## PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais—1, do outro lado. 5, carta de jogar. 7, vento. 8, coisa insignificante. 10, artigo (em frances). 11, gemido. 12, pronome. 14, parede.

Verticais:—2, nota musical. 3, forma de verbo. 4, projectil. 6, preto (em frances). 8, mulher acusada. 9, instrumento para transportar terra. 12, pronome. 13, verbo.

Francisco José Ramalho Teixeira

## PARA OS MENINOS COLORIREM



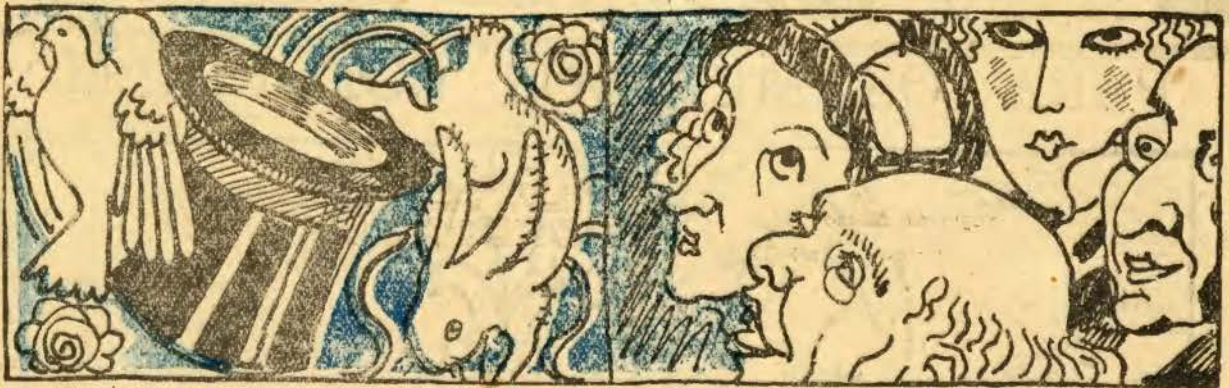
A AGUIA DE PENACHO — (Spizaëtus Occipitalis)

# PRESTIDIGITAÇÃO



Num teatro da cidade,  
um prestidigitador  
mostra a grande habilidade  
com que o dotara o Senhor.

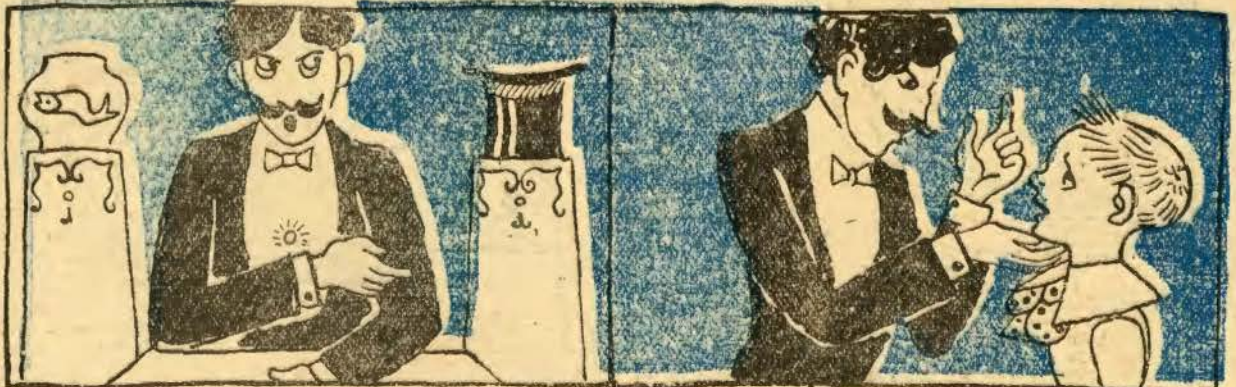
Pegando num chapéu alto,  
sorri a toda assistência  
que, com certo sobressalto,  
lhe admira a eloquência.



Sem lhes causar nenhuns rombos,  
do chapéu, nêsse teatro,  
faz sair coelhos, pombos,  
bandeiras... o diabo a quatro!

— «Será feiticeiro ou bruxo?!»  
pensa o povinho intrigado;  
para sorte de mais luxo,  
agora já preparado.

— «Mas preciso dum menino  
que me ajude, aqui, no estrado!»  
Diz o grande cabotino,  
um tudo nada emproado.



Entretanto, um pequenino,  
embaraçado, aparece...  
— «Não é certo que o menino  
nunca me viu nem conhece?»

Mas como nada lhe diz,  
ele insiste: — «Diga, vá...»  
Responde, então, o petiz,  
com timidez: — «Não, papá!»